

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)Fundado em 1873
JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCIS
(1927 - 1969)

O sr. Galbraith continua lutando contra os fatos

"A filosofia é uma ciência tal, com a qual ou sem a qual, o mundo continua tal e qual."

Não nos ocorre, no momento, o nome do autor dessa frase, mas, certamente, ele não tem razão. A história do mundo moderno o desmente pelo menos depois de Hegel e Marx, cujas filosofias, transformadas em ideologias, mudaram a sua face.

Segundo o pensador liberal Karl Popper, "o sucesso dessas ideologias" — hoje clinicamente mortas como o demonstra o que está ocorrendo no mundo comunista — "foi tanto mais fulminante quanto mais elas impediram a reflexão". "Elas", dizia Popper em entrevista ao jornalista francês Guy Sorman — publicada há tempos no JT —, "levam os espíritos simples a acreditar que se pode compreender o mundo repetindo-se fórmulas rituais que parecem vagamente científicas".

O que nos levou a essas considerações foi a conferência pronunciada anteontem, no Centro Empresarial de São Paulo, pelo famoso economista norte-americano, John Kenneth Galbraith, badaladíssimo por determinadas correntes do pensamento econômico. Do alto da sua presunção agressivamente snob, Galbraith passou a maior parte da sua longa vida acadêmica lutando contra a realidade dos fatos da economia capitalista, influenciado, como keynesiano que é, pelas idéias marxistas e, particularmente, pela experiência de Roosevelt, o único governo na história dos Estados Unidos que, numa situação absolutamente atípica, como foi a criada pela crise de 1929, interveio mais diretamente na economia do país.

Sessenta anos depois, no momento preciso em que o capitalismo estilo norte-americano se esparrama pela Europa e pela Ásia, semeando uma prosperidade tão inédita na história da humanidade que nem mesmo a grande fortaleza da ideologia marxista que foi à União Soviética consegue resistir ao seu assédio, o velho economista norte-americano não dá o braço a torcer, pelo menos abertamente, e continua mais snob do que nunca, a produzir frases de efeito, ou para dizer obviedades travestidas de grandes novidades, ou para defender as idéias arquivadas de Keynes sobre a "mistica do mercado e da soberania do consumidor". Continua, como dizia Popper, "repetindo fórmulas rituais que parecem vagamente científicas", tais como: "Poucos fizeram tantos danos quanto os economistas que querem resolver tudo com as manipulações monetárias". Dizer isso no momento em que o contraste chocante entre os sistemas econômicos que se baseiam nas teorias liberais e os sistemas que, em graus variados, se baseiam no intervencionismo estatal nos proporciona esse fenômeno fascinante, totalmente inconcebível ainda há cinco anos atrás, do desmascaramento total da mistificação socialista, com o descerramento das "cortinas de ferro" e o desmoronamento dos "muros" promovido por quem estava do lado de lá, é, no mínimo, desrespeitar a inteligência do auditório.

Será que o petulante sr. Galbraith não se dá conta de que, quando diz que "não conhece nenhum país alfabetizado pobre e nenhum país de analfabetos ricos", está, em primeiro lugar, referendando todas as teorias de um senhor que morreu há 200 anos, chamado Adam Smith e, em segundo lugar, faltando com a verdade, porque, confirmando ainda mais a sabedoria de Adam Smith, neste preciso momento estamos assistindo a vários países alfabetizados pobres tentarem desesperadamente tornar-se ricos adquirindo aquilo que é o segredo da prosperidade do mundo capitalista e lhes falta, ou seja, a total liberdade individual de empreender sem a interferência do Estado? Ou não são países alfabetizados pobres a Polônia, a URSS, a Hungria? E qual é o obstáculo quase intransponível para o sucesso de Gorbachov, senão o fato de não haver na URSS, depois de 60 anos de regime de intervenção total do Estado, nenhum indivíduo com as aptidões daqueles indivíduos cujos esforços somados para enriquecer na vida produzem, segundo Adam Smith, a riqueza das Nações?

Foi certamente ao ouvir essa frase de Galbraith que seu jovem colega, bastante mais moderno do que ele, o economista Jeffrey Sachs, se animou a fazer-lhe a pergunta a que não soube responder: "Depois de tudo o que o senhor disse o que restou da economia keynesiana?"

Porque já estavam plenamente convencidos de que não há nenhum país de analfabetos ricos, muito antes de Galbraith descobrir isso e, também, de que não há nenhum país alfabetizado (onde os alfabetizados possam empreender livres das peias do Estado) que não seja rico, é que os liberais também estão convencidos de que a função exclusiva do Estado é criar as melhores infra-estruturas possíveis para que cada cidadão possa alimentar-se física e espiritualmente o suficiente para desenvolver plenamente as suas potencialidades econômicas e dispensar a caridade do Estado. O resto o mercado proporciona.

Francamente, quem pagou 700 BTNs para ouvir o sr. Galbraith exercitar o seu pedantismo e propor um plano cruzado que dê certo, e o senhor Sachs aconselhar o que o senhor Mailson da Nóbrega quis fazer mas não conseguiu, deve ter saído do Centro Empresarial com a impressão de que é a economia, e não a filosofia, que é uma ciência tal, com a qual ou sem a qual, o mundo continua tal e qual.